Revista
Femass

eISSN 2675-6153
Número 5 - jan./jun., 2022

ENTRE RESISTÊNCIAS E AFETOS: UMA LITERATURA-CONSTELAÇÃO

BETWEEN RESISTANCES AND AFFECTIONS: A CONSTELLATION-LITERATURE

Pedro Dorneles da Silva Filho
Doutorando em Literatura Comparada e Mestre em Literatura Brasileira e Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense
Professor de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Rio das Ostras-RJ e de Linguagens, códigos e suas tecnologias na rede privada de ensino de Macaé-RJ
E-mail: dorneles.pedro@hotmail.com
https://orcid.org//0000-0003-0989-9393

Recebido: 30/09/2022
Aprovado: 31/10/2022
DOI: https://dx.doi.org/10.47518/rf.v5i2.74

Os artigos publicados neste número estão em acesso aberto *(Open Access)* sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite o uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que os trabalhos originais sejam corretamente citados.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Doramar ou a Odisseia – histórias*. São Paulo: Todavia, 2021.

Doramar ou a Odisseia – histórias trata-se da reunião de contos-vozes, obra publicada em 2021 por Itamar Vieira Júnior, pela editora Todavia, confirmando que a produção literária do autor baiano veio para inscrever um lugar significativo na literatura brasileira. Depois do potente romance *Torto arado* (2019), vencedor de prêmios importantes, projetando o autor para um lugar de ampla circulação de sua produção, esse trabalho mais recente de contos dialoga diretamente com temáticas urgentes da ordem do dia, como racismo, exclusão social, realização existencial feminina e suas formas de ressignificação, imigração e pautas sobre povos originários.

De antemão, vale apontar que se trata de um livro assentado nas mais diversas dicotomias. Ao mesmo tempo que desvela um Brasil atual, volta-se intimamente para as tradições de povos subalternizados ao longo de nossa história. Ancestralidade e atualidade, opressão e resistência, breu e claridade, individualidades e estruturas sociais macro, tudo isso é pedra de toque para a criação ficcional de Itamar ao longo das doze narrativas que compõem seu livro.

Semelhante ao romance de estreia, preponderam as vozes femininas. Isso não significa dizer que o autor "dá voz às mulheres". Pelo contrário, elas simplesmente insurgem como força-adaga, como jorro cristalino de águas inexoráveis, como urgência mobilizadora para romper silêncios.

O primeiro conto fala sobre a potência do afeto e do amor como forças transgressoras diante da opressão. Mesmo cerceada pela vigília de soldados imponentes, a paixão entre os amantes Luís e Rosa é fortalecida pelo desejo de se romper com o atávico destino restritivo a que as mulheres da família de Rosa estavam relegadas. As barreiras simbólicas tampouco as físicas são capazes de impedir o jorro do afeto, o fluxo do amor. Abre-se, pois, o livro com a força do amor e a inquietude latente do desejo de transformação.

Contos como "Alma" e "Meu mar (fé)", por exemplo, sublinham e desdobram a tônica inaugural do primeiro conto: transgredir é resistir e viver. Marcadores sociais como gênero, etnia e condição econômica tornam-se imperativos para empurrar, aos solavancos, determinados sujeitos para um lugar social de marginalização, nos porões da desumanidade. No entanto, a urgência de vida e a esperança por dias melhores acabam por incitar as personagens das histórias supracitadas a traçarem rotas de fuga diante dessas desigualdades impiedosas, cravadas a fundo no tronco da História. Resistência ressoa, custosa, fazendo sangrar, mas ressoa.

Elementos significativos da cosmovisão do povo Jarawara, um dos tantos povos indígenas que existem e resistem em nosso país, são ficcionalizados em "O espírito *aboni* das coisas", revelando a sensibilidade de Itamar ao apontar para uma riqueza a qual muitas vezes não destinamos devida atenção. Logo em seguida, no conto "Na profundeza do lago", realiza-se crítica contundente à força mortífera do sistema capitalista, que ao instalar barragens – prática comum e potencialmente destrutiva no Brasil – muitas formas de vida acabam por sucumbir, extinguindo, a passos assustadoramente largos, os recursos naturais

ainda disponíveis. Vozes subalternizadas reclamam visibilidade, soluções e dignidade. A tessitura dos textos de Itamar são arena pulsante para isso.

Ademais, podemos afirmar seguramente que a escrita de Itamar celebra de modo ímpar a literatura, seja pelas alusões, seja pelas referências mais explícitas, pois dialoga de modo muito despretensioso, mas não menos potente, com autores como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Lima Barreto, Jorge Amado, entre outros tantos nomes que compõem a tradição literária brasileira.

Por fim, afiança-se com seus pares da literatura brasileira contemporânea, como Conceição Evaristo em suas escrevivências; Eliana Alves Cruz em suas revisitações históricas e reconstituição da memória sobre nossos antepassados negros; Jeferson Tenório em sua proposta de ficcionalizar as fraturas existenciais da condição de negro em um país racista como o Brasil, entre outros. Itamar ajuda a compor uma potente confraria literária combativa, uma constelação de vozes, identidades, afetos e resistências que tem desafiado a crítica literária e amplificado, felizmente, os horizontes de discussões.

Portanto, ao embarcar nessas letras-águas dos contos de *Doramar ou a Odisseia – histórias* estamos intimados ao buril do olhar, para engendrarmos tempos menos sombrios, na certeza de que nossos passos vêm de longe e que, apesar de extensa, a caminhada vale a pena e é necessária.